

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CLÁUDIA UCHÔAS PEREIRA

**A CRÍTICA EM TORNO DO LIVRO *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*
E O LEITOR COMO PERSONAGEM NA OBRA**

JARDIM - MS

2015

CLÁUDIA UCHÔAS PEREIRA

**A CRÍTICA EM TORNO DO LIVRO *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*
E O LEITOR COMO PERSONAGEM NA OBRA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araujo.

JARDIM - MS

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

PEREIRA, Cláudia Uchôas. **“A crítica em torno do livro *A Paixão Segundo G.H.* e o leitor como personagem na obra”**. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim, 2015. 44 p.

1. Crítica 2. *A Paixão Segundo G.H.* 3. Leitor 4. Personagem.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia(s) deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Cláudia Uchôas Pereira

CLÁUDIA UCHÔAS PEREIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A CRÍTICA EM TORNO DO LIVRO *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*
E O LEITOR COMO PERSONAGEM NA OBRA.**

APROVADO EM _____/_____/_____

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo
Curso de Letras UEMS – Jardim

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra

Examinador

Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira

Examinador

“Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Ou toca, ou não toca.”

“Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

Clarice Lispector

*A Deus, por este sonho realizado.
A meus pais Manoel e Eliza (in memoriam) pela formação
do meu caráter.
A meus filhos amados Jesus e Bruna, um amor
incondicional e infinito, minha razão de viver.*

AGRADECIMENTOS

Neste momento que antecede o fim de uma longa, extenuante e também prazerosa jornada, em busca da aquisição de formação e novos conhecimentos, quero agradecer:

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, pela força e perseverança para concluir este trabalho e obter o título de graduação, almejado e adiado há tantos anos;

Aos meus pais Manoel Pereira e Eliza Uchoas (*in memoriam*) pelo amor e suporte ao longo de minha vida; mesmo sem sua presença física, estarão sempre presentes em meu coração;

Aos meus filhos amados, Jesus Wellington e Bruna Krisellen, razão do meu viver e minha fortaleza, principalmente pelo incentivo e apoio nos momentos mais difíceis. A companhia de vocês durante meu caminhar torna tudo mais ameno e mais suave;

À minha orientadora, professora Dr^a Susylene Dias de Araujo, pelo estímulo e auxílio na realização deste trabalho;

Aos estimados Professores Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Jr. e Professor Me. Rosicley Andrade Coimbra, pela colaboração no empréstimo de materiais de apoio, fundamentais para a elaboração da pesquisa. No caso do Professor Rosicley esse agradecimento se estende por sua participação na banca examinadora, juntamente com o professor Dr. Marcos Vinícius Teixeira;

À professora Patrícia G. G. Costa, por sua cooperação com detalhes da formatação;

A todos os professores com quem tive a oportunidade de conviver e aprender durante os anos da graduação;

A Márwio Câmara, colaborador e refinado leitor da obra de Clarice, por seu auxílio, ainda que à distância;

Aos amigos, que de maneira distante ou próxima, sempre torceram por mim;

À Clarice Lispector, por ser inominável... sem palavras.

RESUMO

Este trabalho monográfico procura abordar os olhares da crítica em torno da obra de Clarice Lispector *A Paixão Segundo G.H.* desde a época do seu lançamento até o momento em que sua publicação completou meio século. Faz também uma retrospectiva sobre a vida e a vasta obra da escritora, debruçando um breve olhar sobre o momento histórico, político e literário da época. Outro aspecto apontado neste trabalho é a presença do leitor como parte importante dentro da narrativa, sendo um ponto de apoio para a personagem durante sua aventura interna em busca por afirmação, mostrando que não é qualquer leitor que está apto a entender esta obra de Clarice. Para que os objetivos pretendidos neste trabalho pudessem ser alcançados, esta pesquisa tomou por base, nomes renomados da crítica como MOSER (2011), AMARAL (2005) e GOTLIB (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. *A Paixão Segundo G.H.*. Crítica e leitor.

ABSTRACT

This monograph intends to get the approach of the critical points of view, around the Clarice Lispector *A Paixão Segundo G.H.*, from the time of its release until the moment when the publication completed half a century. It also makes a retrospective on the life and vast work of the writer, addressing a brief look at the historical moment, political and literary at the time. Another aspect pointed out in this paper is the reader's presence as an important part in the narrative, being a fulcrum for the character during its internal adventure in search for affirmation, showing that not every reader who is able to understand Clarice's work. For the intended goals could be achieved in this work, this research had was based , renowned names of criticism as MOSER (2011) , AMARAL (2005) and GOTLIB (1995).

KEYWORDS: Clarice Lispector. *A Paixão Segundo G.H.*. Criticism and reader.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO I - VIDA E OBRA DE CLARICE LISPECTOR, UMA RETROSPECTIVA.....	13
1.1 Da vida, uma obra viva.....	16
CAPÍTULO II - A <i>PAIXÃO SEGUNDO A CRÍTICA</i>	18
2.1 Outros Olhares da Crítica.....	22
2.2 <i>A Paixão Segundo Clarice</i>	24
CAPÍTULO III - O LEITOR COMO PERSONAGEM EM <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H.</i>	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO.....	36

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho monográfico tem como objetivo apresentar alguns olhares sobre a recepção crítica em torno do livro de Clarice Lispector *A Paixão Segundo G.H.*, quando da época de seu lançamento, no tumultuado ano de 1964, bem como apontar a presença do leitor como personagem presente na referida obra. Por ser considerado por muitos críticos o grande livro da escritora, foi possível verificar, durante as pesquisas realizadas para embasamento desta monografia, um número considerável de análises, estudos críticos, entre outros trabalhos referentes tanto a obra como à vida da autora. Todavia, no intuito de apresentar elementos substanciais que viessem enriquecer o conteúdo apresentado neste trabalho, buscamos nos pautar em pesquisas a partir de nomes consagrados da crítica literária, bem como do estudo da vida e da obra de Clarice, como Nádya Battella Gotlib, Benjamin Moser e Emília Amaral.

E por considerar parte relevante no processo de pesquisa e apoio deste trabalho, no anexo do mesmo poderá ser verificada a transcrição da entrevista que a TVU do Recife, através do programa Opinião Pernambuco promoveu no ano de 2014 para homenagear os cinquenta anos do lançamento da obra de Clarice Lispector. “A Paixão Segundo G.H. – 50 anos” foi o tema do programa e contou com a participação do crítico Lourival Holanda, da jornalista e pesquisadora Georgia Alves e da escritora Fátima Quintas onde comentam sobre os 50 anos do lançamento do livro. Na referida entrevista é possível perceber que, mesmo sendo estudiosos e conhecedores da obra em questão, ainda faltam palavras para descrever Clarice e sua obra, ela ainda causa impacto, ainda promove a mudez de quem quer dar-lhe um significado. Ela é capaz de emudecer até quem está acostumado a lidar com suas obras.

Durante o percurso deste trabalho, procuramos destacar que à época de seu lançamento, a referida obra trouxe uma narrativa inovadora que rompia com os padrões literários e estéticos existentes, onde mostrava a viagem interna da personagem central em sua busca por afirmação, num longo fluxo de consciência, surgindo então o romance introspectivo na literatura brasileira. Buscamos pontuar que sua leitura ainda provoca discussões entre os críticos, porque permite sempre novas possibilidades de interpretação e causa espanto por parte dos leitores. Por ser esta uma obra que inquieta e angustia e que transmite ao leitor reflexões e indagações sobre a própria existência, sua leitura ainda é capaz de provocar desconforto e susto.

Apontaremos também a presença de um tipo especial de leitor como personagem presente na obra. Uma reflexão do porquê sua leitura se torna difícil para alguns e de melhor entendimento para outros leitores. Mostraremos que nem todo leitor está preparado para os questionamentos existenciais e os conflitos internos que a personagem G.H. aborda em sua trajetória. São muitas reflexões acerca da existência humana. Quem estiver preparado para fazer a travessia junto com a personagem achará sua leitura interessante e instigante, do contrário, a leitura se tornará cansativa e dolorosa, e não passará de uma leitura entediante e alienada.

CAPÍTULO I

VIDA E OBRA DE CLARICE LISPECTOR, UMA RETROSPECTIVA.

O primeiro capítulo deste trabalho será dedicado à vida e à abundante obra da escritora Clarice Lispector, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira. Dona de uma escrita inovadora, que nunca aceitou o rótulo de escritora. Dizia-se que era uma simples dona de casa que escrevia.

Clarice Lispector (1920-1977) foi escritora, jornalista, autora de romances, contos, ensaios e é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Sua obra reflete cenas simples do cotidiano, aliadas a tramas psicológicas. Segundo os dados de sua biografia, presentes na obra *Clarice, uma vida que se conta*, da editora Ática, elaborada em 1995 por Nádya Battella Gotlib, o interessado na escritora fica conhecendo particularidades de sua vida desde seu nascimento, conforme seguem: Clarice nasceu na Ucrânia, durante a emigração da família em direção à América, na cidade de Chechelnyk no dia 10 de dezembro de 1920; a recém nascida recebeu o nome de Haia Lispector. Sua família era de origem judaica.

Como descrito por Benjamin Moser, em *Clarice, uma biografia* (2011), ao chegarem ao Brasil, na cidade de Maceió, todos os membros da família Lispector adotam nomes brasileiros e a pequena Chaya recebe o nome de Clarice. É curioso observar que, em pesquisas relacionadas à vida da autora, seu nome de nascimento aparece como Haia, mas na biografia de Moser seu nome surge como Chaya. Ambos os nomes são de origem hebraica e variantes um do outro em sua grafia apenas, que significam vida, viver. Sua família fixa residência em Recife, Pernambuco, e vem daí o fato de Clarice se naturalizar pernambucana. Durante a infância da escritora, os Lispector passam por dificuldades financeiras e sua mãe morre quando ela tinha nove anos de idade; os cuidados da casa passam então para sua irmã mais velha, Tânia, que ainda segundo Moser foi a única dentre os membros da família a permanecer com seu nome de origem, por ser este um nome comum no Brasil.

Ainda de acordo com Nádya Battella Gotlib, na infância, Clarice frequenta o grupo escolar João Barbalho, onde aprende a ler. Nos anos seguintes, estuda no Collegio Hebreo-Idisch-Brasileiro até o 3º ano primário, onde aprende hebraico, iídiche e piano. Aos dez anos de idade, depois de uma ida ao teatro escreve uma peça em três

atos: “Pobre menina rica”, mas seus originais se perderam ao longo do tempo. Nesta época, o jornal Diário de Pernambuco dedicava uma página às produções infantis, mas, as histórias de Clarice eram sempre recusadas, pois não tinham fatos e nem enredo, apenas sensações. Em dezembro de 1935 muda-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro, e quando termina o ginásio começa a ler obras de autores nacionais dentre os quais se destacam Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Machado de Assis e alguns autores internacionais mais conhecidos. Os livros são adquiridos sob forma de empréstimos em uma livraria de seu bairro, pois Clarice não tinha condições financeiras de comprá-los.

No relato de Olga Borelli em *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato* (1981), ainda nesta época e por dificuldades financeiras, Clarice começa a dar aulas particulares de Português e Matemática, sendo esta experiência professor-aluno muito recorrente em suas obras. Também foi tradutora das obras de grandes autores como Agatha Christie, Edgar Allan Poe, Júlio Verne e Oscar Wilde, traduções essas que eram quase sempre para complementar sua renda mensal. Forma-se em Direito em 1943 e nesse mesmo ano casa-se com Maury Gurgel Valente, seu colega de turma, o qual veio a se tornar um Diplomata, o que faz com que Clarice o acompanhe em viagens ao exterior possibilitando conhecer vários países. Recebe o Prêmio Graça Aranha pela publicação, ainda neste ano, do romance *Perto do Coração Selvagem*, 1944. De seu casamento com Maury Gurgel Valente, nascem dois filhos: Pedro e Paulo, este último sofrendo de esquizofrenia. Depois de um casamento que durou 16 anos, separa-se de seu marido e volta a morar no Rio de Janeiro, vindo depois a trabalhar nos jornais Correio da Manhã e Diário da Noite.

Muitos acreditavam que Clarice falava com sotaque, mas na verdade ela tinha a língua presa, como revela em sua última entrevista a Júlio Lerner no Programa Panorama da TV Cultura. Revelando ainda nessa entrevista que nunca assumiu ser uma escritora, sempre se disse uma amadora, e fazia questão de continuar sendo assim, pois escrevia quando queria, sem obrigações. No dizer da amiga e confidente Olga Borelli, em seu livro *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*, 1981, Clarice era uma dona de casa que escrevia contos e romances. E quando escrevia, nas madrugadas, sua hora preferida, sentava-se ao sofá com a máquina de escrever ao colo.

Ainda segundo fonte do Instituto Moreira Sales, no ano de 1966, adormece com

um cigarro aceso provocando um incêndio em seu apartamento e destruindo completamente seu quarto. Sofre queimaduras pelo corpo e a mão direita é a mais afetada com queimaduras de terceiro grau. Permanece dois meses internada, recebendo enxerto de pele e apesar da fisioterapia, os movimentos de sua mão direita ficam comprometidos, dificultando sua escrita. Esse fato deixa a escritora muito triste e faz com que Clarice se isole.

Foi apelidada pelo amigo Affonso Romano de Sant'Anna de "A grande Bruxa da Literatura", e no ano de 1974 foi convidada a participar do 1ª Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, na Colômbia onde falou de seu conto *O Ovo e a Galinha*. Morreu no dia 9 de dezembro de 1977, uma sexta-feira, no dia anterior ao seu aniversário de 57 anos, vítima de câncer no ovário. Não pôde ser enterrada no dia seguinte ao seu falecimento, em respeito às leis judaicas quanto ao Shabat, que tem o sábado como o dia de descanso semanal do judaísmo. Seu sepultamento acontece então no domingo, dia 11, no Cemitério Comunal Israelita, no bairro carioca do Caju. Segundo dados da biografia da escritora presentes em Moser (2011), seu nome Chaya, de origem hebraica, está gravado em sua lápide com os dizeres: "Chaya bat Pinkhas" – Chaya filha de Pinkas.

Decorridos mais de 30 anos de sua morte, Clarice Lispector recebeu, ao longo dessas décadas várias homenagens, como vamos encontrar descritos por Nádya Battella Gotlib, em *Clarice, uma vida que se conta*, 1995, dentre as quais esta presente pesquisa citará duas dessas cerimônias. Nos dez anos de sua morte, Clarice foi homenageada no evento "Perto de Clarice", organizado no Rio de Janeiro, em 1987, pela Casa de Cultura Laura Alvin, Oficina Literária Afrânio Coutinho e Fundação Casa de Rui Barbosa, que contou em sua programação com mostra de fotos, livros, filmes e palestras sobre a escritora, o evento contou ainda com a participação de duas grandes atrizes brasileiras Fernanda Montenegro e Marieta Severo que interpretaram textos e leitura de fragmentos de obras de Clarice. Do mesmo modo, em 1992, o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, presta homenagem à escritora com o evento "A Paixão Segundo Clarice Lispector" nos quinze anos de sua morte.

1.1 Da vida, uma obra viva.

Para a elaboração e realização da extensa obra de Clarice Lispector, este trabalho utilizou uma vez mais da pesquisa biográfica de Nádya Battella Gotlib em *Clarice, uma vida que se conta* (1995), acreditando ser esta uma pesquisa de natureza séria com informações relevantes sobre a vida e a obra da escritora, somando-se da mesma forma a outros dados de sua obra, encontrados em *Clarice Lispector, Literatura Comentada* (1981), uma seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico, crítico e organizado por Samira Youssef Campedelli e Benjamin Abdala Jr..

A obra de Clarice Lispector é muito vasta, ela escreveu inúmeros romances e contos. Seus livros são publicados, além do Brasil, em diversos outros países como França, Inglaterra, Espanha, Rússia, Israel, Itália, Alemanha e Estados Unidos.

Dentre suas obras destacamos os Romances: *Perto do Coração Selvagem* – 1944 (Prêmio Graça Aranha); *O Lustre* – 1946; *A Cidade Sitiada* – 1949; *A Maçã no Escuro* – 1961 (Prêmio Cármen Dolores Barbosa); *A Paixão Segundo G.H* – 1964; *Água Viva* – 1973; *A Hora da Estrela* – 1977 (ganhou versão cinematográfica); *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* – 1969.

Também acrescentamos seus Contos: *Alguns Contos* – 1962; *Laços de Família* – 1960 (Prêmio Jabuti); *A Legião Estrangeira* – 1964; *Felicidade Clandestina* – 1971 (Prêmio Golfinho de Ouro); *Imitação da Rosa* – 1973; *A Via Crucis do Corpo* – 1974; *Onde Estivestes de Noite?* – 1974; *Feliz Aniversário*.

Também damos destaque a suas obras para a Literatura Infantil: *O Mistério do Coelho Pensante* – 1967 (Prêmio Calunga); *A Mulher Que Matou os Peixes* – 1969; *A Vida Íntima de Laura* – 1974.

Em adição a este conjunto de obras, destacamos ainda suas Obras Póstumas: *Um Sopro de Vida (Pulsações)* - 1978 (seu último romance); *Quase de Verdade* – 1978; *A Bela e a Fera* – 1979; *A Descoberta do Mundo* – 1984; *Como Nasceram as Estrelas* – 1987; *Cartas Perto do Coração* – 2001 (cartas trocadas com Fernando Sabino); *Correspondências* – 2002; *Aprendendo a Viver* – 2004; *Outros Escritos* – 2005; *Correio Feminino* – 2006; *Entrevistas* – 2007; *Minhas Queridas* – 2007; *Só para Mulheres* – 2008.

A propósito, ainda segundo Nádya Battella Gotlib em *Clarice, uma vida que se conta* (1995), no ano de 2004, o filho de Clarice Lispector, Paulo Gurgel Valente,

confiou ao Instituto Moreira Sales, a guarda de alguns manuscritos da escritora, dentre os quais estão *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*, bem como alguns dos livros pertencentes à sua biblioteca pessoal.

CAPÍTULO II

A PAIXÃO SEGUNDO A CRÍTICA.

Neste capítulo apresentaremos a recepção crítica em torno do livro *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector, por ocasião de seu lançamento, no ano de 1964, pela Editora do Autor. E ainda outros olhares que acompanharam a obra ao longo dos anos da sua publicação. O ano de 1964 marca uma época em que o Brasil passava por grandes transformações políticas e sociais devido ao golpe militar que sofrera. Quando publicado, esse livro provocou estranheza e incômodo, pois sua escrita rompia com os padrões estéticos da época, padrões esses que estavam voltados às questões dos problemas brasileiros e influenciados pela temática ideológica, de inclinação regionalista ou de denúncia social.

A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector foi um marco literário na literatura brasileira do século XX. É tido por alguns críticos como sendo o livro maior da autora. Foi traduzido para vinte e duas línguas e teve cinco edições publicadas em vida da autora: a 1ª (1964) pela Editora do Autor; a 2ª (1968) e a 3ª (1972) pela Editora Sabiá; a 4ª (1974) e a 5ª (1976) pela Editora José Olympio.

É um romance introspectivo, escrito em primeira pessoa e narra a trajetória interna de uma mulher de classe média cujo nome se conhece apenas por suas iniciais: G.H.. A princípio o enredo parece um pouco banal, mas a personagem trata seus problemas num longo fluxo de consciência e a narrativa é transcrita conforme os fatos vão surgindo em sua mente. Cada novo capítulo começa com a frase final do capítulo anterior, sem interrupção, como o ciclo da própria vida.

No ano de 2014, por conta das comemorações aos 50 anos do lançamento do livro, o programa Opinião Pernambuco, da TVU do Recife, promoveu no dia 1º de outubro, um encontro entre o professor e crítico literário Lourival Holanda, a escritora e presidente da Academia Pernambucana de Letras Fátima Quintas e a jornalista e pesquisadora Georgia Alves, que através de um bate-papo descontraído com a apresentadora Stella Maris Saldanha debateram sobre a obra de Clarice Lispector, traçando um panorama desde seu lançamento até os dias atuais. O programa teve como tema "*A Paixão Segundo G.H.* - 50 anos". Por considerar um material importante para o enriquecimento desta pesquisa, utilizamos partes da referida entrevista,

considerando os dados relevantes sobre o livro, sendo possível a verificação de sua transcrição no anexo desse trabalho.

Como mencionado antes, o livro *A Paixão Segundo G.H.* foi lançado pela Editora do Autor e entre seus donos estavam Fernando Sabino e Rubem Braga que eram amigos de Clarice. Segundo Fátima Quintas, se não fosse por essa amizade de Clarice com os donos da editora, talvez o lançamento do livro não tivesse sido possível, por ser uma escrita que fugia aos padrões literários da época e completa:

[...] eu creio que não teria sido muito fácil. Porque realmente Clarice, ela não é fácil pra ninguém, ela... ela mesma quis não ser, porque ela não era pra ela própria. [...] alguns livros dela nem sempre foram bem aceitos [...] tem alguns que [...] ...não...olha...o que que é isso e tal? Depois ela vai crescendo [...] num crescendo incrível. (Fátima Quintas, programa Opinião Pernambuco, 2014).

A crítica da época não conseguia classificar a obra. O leitor não compreendia sua narrativa sem enredo; o que se percebia era uma densidade psicológica muito grande. Nesta entrevista, a apresentadora relembra que na época, Nelson Rodrigues fez um comentário divertido sobre o livro dizendo que “Agora escreve-se livro até sobre mulher que come barata”. Por essas e outras percepções Lourival Holanda justifica como o livro foi recebido pela crítica e pelos leitores:

Como toda obra grande é [...] desnorteante. Toda obra grande é indiscreta. Indiscreta porque ela revela ao leitor o que ele leitor é. [...] Em toda grande obra ela nos inquieta porque ela expõe muito de cada um de nós. Então, nesse momento, não tinha como a crítica classificar aquele tipo de experiência que era por de mais singular. (Lourival Holanda, programa Opinião Pernambuco, 2014).

A narrativa presente em *A Paixão Segundo G.H.* inaugurou no Brasil outro tipo de narrativa, a do romance introspectivo, voltado para os questionamentos existenciais, para a busca do conhecimento do ser, da busca do eu interior, fugindo assim dos conceitos estabelecidos na época, que estavam mais voltadas para uma narrativa de denúncia. Nesse horizonte literário, Clarice chega com uma narrativa diferente de tudo apresentado até então. Sua personagem agora vivia uma aventura dentro de si mesma e não mais uma aventura exteriorizada. Lourival Holanda, mais uma vez, consegue explicar esse momento:

[...] um outro tipo de narrativa que toma um distanciamento da narrativa tradicional, digamos, do romance nordestino, do romance de 30, quando... é uma espécie de épico órfico, porque é toda uma aventura agora interna e não mais do fora. Então começa um tipo de [...] narrativa, que eu digo, inaugura a modernidade, ou seja, já não tem mais aquela referência fora, mas é uma aventura interna.[...] ela tem esse incômodo de ser inaugural, né, é uma percepção da singularidade, daquilo que era sistemático num momento em que a cultura ainda é muito homogênea, a cultura ainda é muito [...] digamos assim, é comum você encontrar as grandes comunidades ligadas a determinadas temáticas. Clarice faz exatamente o oposto, ela diz: eu não sou de sistema, às vezes ela até diz assim: gêneros não me pegam mais. [...]. (Lourival Holanda, programa Opinião Pernambuco, 2014).

Em suas obras, Clarice Lispector focaliza os questionamentos existenciais de seus personagens e por isso sua escrita é única na literatura brasileira. Do mesmo modo, em *A Paixão Segundo G.H.* sua linguagem é tão intensa que fica difícil ao leitor ficar indiferente a ela, por ser introspectiva e intimista leva sua personagem G.H. a uma viagem interior carregada de questionamentos existenciais. É uma narrativa em primeira pessoa, numa linguagem perturbadora, uma profunda reflexão existencial da personagem que, conseqüentemente, leva o leitor a fazer reflexões sobre sua própria vida. É o que explica Fátima Quintas:

É a pessoa que se pergunta a todo instante: quem eu sou? E é essa a mesma pergunta que nos fazemos o tempo todo. Quando ela vai tentar arrumar o quarto da empregada, ela vai tentar se arrumar. (Fátima Quintas, programa Opinião Pernambuco, 2014).

Durante a entrevista, Lourival Holanda toca em um ponto interessante da obra literária de Clarice, ou seja, a textos que muitas vezes são atribuídos a ela, mas que não são de sua autoria. Muitas dessas citações podem ser encontradas nas redes sociais, nesse universo povoado em sua maioria por jovens e adolescentes. Contudo, ressalta também que existe uma literatura de Clarice que não se encaixa nesse universo cult, como ele diz, porque é uma literatura que exige do leitor uma entrega, uma reflexão.

Então há uma Clarice [...] de salão, quer dizer, há uma Clarice de citação cult no face, há uma Clarice que circula diante dessa lógica da reprodução...e às vezes tem a reprodução é da invenção de textos atribuídos a Clarice. Quer dizer, há essa Clarice cult, não é? Agora, há uma outra Clarice que não cabe na lógica das redes, que é uma Clarice absolutamente 'u toque', como ela diz na entrevista em 67 [...] ao Júlio

Lerner [...] há contato ou não há contato. Quer dizer, é uma forma muito bonita de dizer: Olha, o entendimento não depende da inteligência, mas do sentir. (Lourival Holanda, programa Opinião Pernambuco, 2014).

Para muitos, *A Paixão Segundo G.H.*, não permite uma definição exata. De certa forma é impossível determinar que o livro seja isto ou aquilo. Talvez por isso tenha sido submetido a inúmeras análises, trabalhos acadêmicos, entre outras propostas de pesquisas. Para Lourival Holanda, um estudioso da obra de Clarice há mais de vinte anos, “este é ‘o livro’, porque eu nunca consegui chegar ao fundo dele, é permanentemente sempre um susto”. Fatima Quintas também compartilha da opinião de Lourival Holanda: “Esse livro é ler e reler e sempre encontrar material para pensar muito e não chegar a lugar nenhum porque realmente não se chega a lugar nenhum mas se busca”.

Do ponto de vista de Georgia Alves, *A Paixão Segundo G.H.* guarda um segredo, é uma espécie de romance-enigma, “talvez seja por isso que não se consegue chegar a um determinante sobre ele”. E afirma em seguida:

Não sei se [...] vocês entendem assim também, mas eu vejo ‘n’ *A Paixão Segundo G.H.* um propositado guardar um segredo [...] vendo as avaliações e as análises de Olga Borelli sobre o livro, ela que tem tão mais informações sobre isso, me parece também provocar nessa escrita de entrelinhas a sensação de que ali está guardado um segredo que propositalmente será sempre um segredo [...]. (Georgia Alves, programa Opinião Pernambuco, 2014).

Essa afirmação de Georgia Alves de que o livro propositadamente guarda um segredo, pode ser verificada na narrativa de *A Paixão Segundo G.H.*:

[...] meu único nível é viver. Só que agora, agora sei de um segredo. Que já estou esquecendo, ah sinto que já estou esquecendo... [...] (*A Paixão Segundo G.H.*, p. 16).

“Há alguma coisa que precisa ser dita, não sentes que há alguma coisa que precisa ser sabida? [...] (*A Paixão Segundo G.H.*, p. 83).

Para a elaboração deste capítulo, foram utilizados apenas alguns trechos da entrevista que o programa Opinião Pernambuco, da TVU do Recife promoveu em comemoração ao aniversário de cinquenta anos de lançamento do livro *A Paixão*

Segundo G.H.. Como sugerido na introdução deste trabalho monográfico, é de grande relevância consultar sua transcrição, disposta em anexo, para que se tenha um entendimento de como é difícil falar sobre Clarice Lispector e em especial sobre esta obra. Claramente poderá ser observado que apesar dos entrevistados serem conhecedores, estudiosos e críticos da vasta obra de Clarice, eles não conseguem dar-lhe significados. Há sempre um silêncio entre uma definição e outra. Sempre uma reticência. Como se buscassem uma palavra que definisse tudo, mas não há. É um debate caloroso, onde se procurou dizer tudo sobre ela e sua obra, mas que ao final percebe-se que ainda há muito mais por dizer. Há sempre uma vírgula quanto à definição de Clarice e sua obra, mas nunca um ponto final.

2.1 Outros Olhares da Crítica.

Outra fonte de pesquisa consultada para enriquecer e auxiliar este trabalho quanto à abordagem da crítica em torno do livro *A Paixão Segundo G.H.* é o livro da escritora Emília Amaral *O leitor segundo G.H.*, 2005. Neste livro, Emília Amaral trata não somente da relação leitor e obra, como dedica também o capítulo “A fortuna crítica de *A Paixão Segundo G.H.*”, a “abundante” crítica em torno da obra de Clarice Lispector e o parecer de alguns críticos. De acordo com ela, esta obra é “[...] uma das obras de Clarice mais examinadas pela crítica, não apenas no nível nacional” (AMARAL, 2005, p.90). Faz também uma referência ao momento em que *A Paixão Segundo G.H.* foi publicado, pontuando o que Benjamin Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli disseram em *Edição Crítica de A Paixão Segundo G.H.* (1996).

A primeira edição de PSGH teve caráter artesanal (Edição do Autor) e distribuição precária. A resposta da crítica, não obstante, foi surpreendente. Mesmo os críticos preocupados com a coerência da obra de Clarice Lispector vieram a reformular suas posições. Reconheciam os méritos literários da escritora, fato correlato a uma mudança de expectativas no campo intelectual brasileiro: a valorização do texto enquanto construção artística [...] não há arte revolucionária sem forma revolucionária. (ABDALA Jr. & CAMPEDELLI, 1996 in AMARAL 2005, p.97).

A pesquisadora reafirma no capítulo 3 de *O leitor segundo G.H.*, o choque provocado na crítica quando *A Paixão segundo G.H.* foi publicado. Menciona ainda que em *Edição Crítica de A Paixão Segundo G.H.*, citado acima, o parecer de Benedito Nunes de que o impacto causado pela obra foi “desconcertante”. E que na introdução à obra crítica Nunes afirma que *A Paixão Segundo G.H.* é o “livro maior de Clarice Lispector”:

[...] maior no sentido de ser aquele que amplia os aspectos singulares de sua obra, extremando as possibilidades que nela se concretizam – mas também como um dos textos mais originais da moderna ficção brasileira. É uma lente de aumento reveladora, que também abre para o leitor e para o crítico, pelo poder de envolvimento da narrativa, a fronteira entre o real e o imaginário, entre linguagem e mundo, por onde jorra a fonte poética de toda ficção. (NUNES apud Benjamin Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli, 1996, in AMARAL, 2005, p.97).

Emília Amaral faz uso de algumas publicações feitas em jornais nas décadas de 60 e 70 de como o livro foi recebido pela imprensa escrita. No jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre do dia 26 de julho de 1969, Paulo Hecker Filho diz que o livro é:

“O maior tratado místico da língua”, “uma das raras obras religiosas importantes do século”, “a mais bela expressão duma experiência religiosa surgida entre nós” [...] Só (lhe) falta um personagem, o que seria o protagonista, Deus. (in AMARAL, 2005, p.98).

Por outro lado, apresentando outro parecer sobre o livro, o jornal *O Estado de São Paulo* de 06 de setembro de 1969 enfoca as palavras de Laís Corrêa de Araújo:

“Esse romance, a nosso ver, só existe enquanto linguagem, enquanto pesquisa de agrupamentos fraseológicos cada vez mais complexos e ao mesmo tempo cada vez mais desdobrados e embebidos de consciência, enquanto deflagração, aceleração e acumulação (pela autoflagelação) de estruturas fonéticas”. (in AMARAL, 2005, p.98-99).

No Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 23 de agosto de 1969, Fernando G. Reis traz em seu artigo “Quem tem medo de Clarice Lispector?” que a crítica e o leitor são “reticentes perante a obra”, [...] uma obra gritantemente importante e carente de análise” [...] “mesmo para os que não se assustam em caminhar no escuro, C.L. é uma promessa de intranquilidade. (in AMARAL, 2005, p. 99).

Como foi possível perceber ao longo deste capítulo, *A Paixão Segundo G.H.* é passível de muitas interpretações. No momento em que concluímos este trabalho, mais uma versão se torna possível, pois nos tornamos mais um dos leitores escolhidos por Clarice.

2.2 A Paixão Segundo Clarice

Em nota de abertura de *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector dedica o livro a possíveis leitores e sugere que este seja lido por pessoas com uma sensibilidade maior.

Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada [...] Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém [...]. (*A Paixão Segundo G.H.*, 1998, p.7).

Mesmo que a autora tenha dito ser esta uma obra de fácil entendimento, *A Paixão Segundo G.H.* é um livro de difícil compreensão, por abordar várias temáticas durante a narrativa da viagem interior da personagem G.H.. É um livro que nos causa estranheza porque diz muito sobre nós mesmos, sobre não sabermos realmente quem somos e o que buscamos. A personagem é conhecida apenas pelas iniciais de seu nome G.H escrito em sua valise, “sendo sem nome ela se identifica com todos os seres”, e dessa forma, o leitor consegue identificar-se nesta obra como um ser questionador que é.

Em sua última entrevista, concedida ao jornalista e repórter Júlio Lerner para o programa Panorama da TV Cultura de São Paulo, no dia 1º de fevereiro de 1977, a qual, a pedido da escritora, só foi publicada depois de sua morte. Clarice Lispector comenta sobre seu livro. A seguir apresentaremos um trecho dessa entrevista retirado da obra de Emília Amaral *O Leitor Segundo G.H.*, na qual Clarice faz referência à sua

obra. Para distinção quanto a nomes, designaremos J.L. para Júlio Lerner e C. L. para Clarice Lispector.

J.L.: Nós ouvimos com frequência que as novas gerações pouco leem no Brasil. Você confirma isso?

C. L.: Bem, os universitários são obrigados a ler porque impõem a eles a obra. Agora não estou a par dos outros.

J.L.: De seus trabalhos, qual aquele que você acredita que mais atinja o público jovem?

C. L.: Depende. Depende inteiramente. Por exemplo, o meu livro *A Paixão Segundo G.H.*, um professor de português do Pedro II veio lá em casa e disse que leu quatro vezes o livro e ainda não sabe do que se trata. No dia seguinte uma jovem de 17 anos, universitária, disse que este livro é o livro de cabeceira dela. Não dá pra entender.

J.L.: E isso aconteceu em relação a outros de trabalhos seus?

C. L.: Também em relação aos outros trabalhos, ou toca ou não toca. Suponho que entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Tanto que o professor de português e literatura, que era, devia ser o mais apto a me entender, não me entendia... E a moça de 17 anos lia e relia o livro. Parece que eu ganho na releitura, não é? O que é um alívio.

Clarice acreditava que é necessário sentir para entender sua obra, já que, segundo a autora, “é uma escrita muito simples”, sem enfeites. Provavelmente a travessia da personagem G.H. seja o mesmo processo da travessia do adolescente, o que fez com que uma estudante de 17 anos compreendesse melhor o livro do que o professor que leu quatro vezes e não entendeu nada. Do mesmo modo, essa opinião é partilhada pelo professor e crítico Lourival Holanda, citado no tópico anterior, podendo também ser verificada no apêndice desse trabalho.

[...] eu acho que é um livro pra ser lido, sobretudo, por essa raça mais solitária do mundo que são os adolescentes. Esse pessoalzinho mais jovem. Não é por acaso que eles têm tanta afinidade, é porque Clarice

chama a atenção pra essa enorme sozidão que é um adolescente porque não tem ainda essa maestria de domínio sobre o papel social, eles vão tentar ser autênticos e não cabe no mundo essa autenticidade e eles têm essa noção, essa coisa, esse link em comum, que é a consciência da estranheza. (Lourival Holanda, programa Opinião Pernambuco, 2014).

Diante das afirmações de Clarice, Lourival acredita que a escrita de *A Paixão Segundo G.H.* seja melhor compreendida pelo leitor adolescente, pois sua narrativa traz os mesmos questionamentos existenciais. Vem daí então o fato de as redes sociais, como mencionado no tópico anterior, estarem cheias de citações da autora. Embora nem tudo o que lhe seja atribuído, de fato pertença a ela.

CAPÍTULO III

O LEITOR COMO PERSONAGEM EM *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*

Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria. (*A Paixão Segundo G.H.*, 1998, p.7).

Este capítulo começa com a nota introdutória do livro *A Paixão Segundo G.H.*, na qual Clarice Lispector o dedica a possíveis leitores. De acordo com Amaral (2005), “o livro parece ser, mas não é para um leitor qualquer.” E quem seriam esses possíveis leitores a quem Clarice se dirige? O leitor que Clarice busca é o leitor ideal, o leitor literário, crítico, aquele capaz de compreender a linguagem proposta nas páginas do romance. Não seria o leitor comum, pois ela exclui esse leitor despreparado. Para o leitor comum sua narrativa assusta, causa temor diante da densidade do longo fluxo de consciência vivido pela personagem.

Em *História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, Hans Robert Jauss (1994) explica muito bem a importância de o leitor possuir o “saber prévio”. Esse saber consiste, na obra clariceana em uma espécie de bagagem de conhecimento, dando a este leitor o caráter da idealização, pois na visão da autora, para compreendê-la, caberia ao leitor desprover-se de quaisquer “pré-conceitos”, de maneira a não se assustar com sua narrativa, o que é passível de acontecer ao leitor desavisado, acostumado apenas com o romance tradicional. Ainda sobre esse assunto, Jauss ressalta que,

Assim como em toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um “saber prévio”, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas,

predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido [...] conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

Como podemos perceber, Jauss enfatiza a experiência como fator preponderante na vida real, o que também acontece com a experiência literária no momento em que se dá o primeiro contato entre o leitor e a obra, pois o que o teórico chama de “saber prévio” passa a ser uma espécie de condição para que a leitura seja de fato uma experiência única.

Outra observação de Jauss diz respeito ao chamado de “horizonte de expectativa”, o que em seu oitavo postulado define-se como nossa memória literária, ou seja, a aprendizagem de todas as leituras que fizemos. Assim, no caso de *A Paixão Segundo G.H.*, fica nítido que o “horizonte de expectativas” do leitor da época da publicação do livro está distante da obra, o que se faz necessário uma “mudança de horizonte”, exigindo do leitor um empenho maior para sua leitura.

Em O Leitor Segundo G.H., Emília Amaral (2005) destaca que o leitor ideal desta obra de Clarice além de possuir uma bagagem literária, deve possuir também a percepção do sentir, deixar aflorar a emoção, pois além de ser uma leitura tensa e cansativa, exige do leitor uma entrega.

A leitura de Clarice é difícil e trabalhosa. Exige do leitor a mesma atenção concentrada e tensa, mas também o mesmo abandono que se intui presente no ato da escrita. Se Clarice escreve com o corpo, o seu leitor não pode lhe conceder apenas a fria racionalidade de seu intelecto. Deve deixar-se invadir, aceitar a agressão. (AMARAL 2005, p.73).

Podemos perceber no capítulo anterior deste trabalho, onde apresentamos um trecho da última entrevista de Clarice que ela deixa essa questão do ‘sentir o livro’ muito clara. Não basta possuir o conhecimento literário se o leitor não conseguir sentir a obra. Devendo haver em sua leitura a junção do saber e da emoção. Como ela mesma enfatiza “ou toca, ou não toca”. Ela pontua que houve um caso em que um professor não conseguiu entender sua obra e com uma jovem aconteceu o oposto.

Como é possível perceber, o que a autora aponta é que, para entender sua obra, não basta apenas que o leitor possua uma bagagem literária, como é o caso do professor citado antes, que leu e releu a obra e não entendeu nada. O que a escritora espera do leitor não é a fria leitura racional, mas algo mais profundo, que o leitor se deixe conduzir pela emoção e pela entrega, pois o conflito existencial da personagem remete o leitor a refletir sobre seus próprios conflitos existenciais. Não se trata apenas de uma obra ficcional, há uma identificação, é como se fosse uma espécie de diálogo entre o escritor e o leitor. Como se um falasse e o outro pudesse compreender perfeitamente.

Ao entrar em contato pela primeira vez com o livro *A Paixão Segundo G.H.*, o leitor comum poderia vir a julgar seu conteúdo pelo título impresso nele, esperando encontrar em suas páginas alguma espécie de romance, vinculando essa ideia à palavra *Paixão* inscrita em seu título. Contudo, nesta obra, a palavra *Paixão* se refere tão somente ao sentido teológico, na sua origem etimológica: sofrimento físico, mental e espiritual, que remete à Paixão de Cristo. Com esse conceito já formado, inicia-se então a leitura do texto, e para sua grande surpresa e decepção, não há ali nenhuma história de amor ou paixão que esteja vinculada à paixão romanesca ou coisa do gênero. O que o leitor encontra é a narrativa de uma mulher que, desconhecendo sua própria identidade, desencadeia um processo de reflexão em busca de respostas sobre a vida e o mundo.

Essa ideia errônea que o leitor faz em julgar o livro pela capa é bem observada por Antonio Cândido (2011), em sua obra *A Personagem de romance*.

Os textos ficcionais, apesar de seus enunciados costumarem ostentar o hábito exterior de juízos, revelam nitidamente a intenção ficcional, mesmo quando esta intenção não é objetivada na capa do livro, através da indicação "romance", "novela" etc. Ainda que a obra não se distinga pela energia expressiva da linguagem ou por qualquer valor específico, notar-se-á o esforço de particularizar, concretizar e individualizar os contextos objectuais, mediante a preparação de aspectos esquematizados e uma multiplicidade de pormenores circunstanciais, que visam a dar aparência real à situação imaginária. (CANDIDO, 2011).

A Paixão Segundo G.H. é um romance introspectivo, escrito em primeira pessoa e narra a trajetória interna de uma mulher que trata seus problemas existenciais num longo fluxo de consciência e a narrativa é transcrita conforme os fatos vão surgindo em

sua mente. Clarice não nomina essa mulher, de seu nome se conhece apenas as suas iniciais – G.H.. Sabe-se que é uma escultora bem sucedida, de classe média, sem filhos e que mora sozinha na cobertura de um apartamento luxuoso. É uma mulher solitária que tem a vida toda organizada e mecanizada, vive dentro de um universo particular, no seu mundo perfeito.

O romance inicia e termina com seis travessões, e a narrativa começa com a fala da personagem G.H. tentando entender algo que lhe acontecera no dia anterior, fato esse que ela não consegue explicar “– – – – – estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender.” (p.11). Diante da dificuldade em conseguir expressar a experiência pela qual havia passado, ela pede a presença de alguém a seu lado, necessita estar amparada por alguém para conseguir narrar sua aventura, onde ela perde sua roupagem humana e deixa de ser a mulher que vive de rótulos, deixa de ser a mulher que pertence a um sistema. Para reviver o que lhe aconteceu ela necessita ao menos fingir que escreve pra alguém. Uma espécie de pacto estabelecido com o leitor, mas não o leitor comum.

Esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja, esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém. (*A paixão Segundo G.H.*, p.15).

Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém está me dando a mão. (*A paixão Segundo G.H.*, p. 17).

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão. (*A paixão Segundo G.H.*, p.18).

Para que o leitor não se assuste com seu pedido inusitado, G.H. explica que não será necessário segurar sua mão o tempo todo, somente no começo, enquanto ela não tem confiança de narrar o que lhe aconteceu. Sem dar um nome ou um rosto ao leitor, G.H. inventa sua presença, aludindo ao fato de que todo e qualquer leitor que esteja disposto a seguir com ela nessa viagem interna, se identifique e perceba que ela se refere a ele em especial. Todo leitor será único na ajuda à personagem:

Oh pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão – mesmo que não consiga inventar teu rosto e teus olhos e tua boca [...] . Não estou à altura de imaginar uma pessoa inteira. E como imaginar um rosto se não sei de que expressão de rosto preciso? Logo que puder dispensar

tua mão quente, irei sozinha e com horror. O horror será a minha responsabilidade até que se complete a metamorfose e que o horror se transforme em claridade. (*A paixão Segundo G.H.*, p. 18).

Imaginando que alguém a está amparando, G.H. começa a contar sua aventura. Tudo havia acontecido no dia anterior enquanto ela tomava o café da manhã e se preparava para arrumar o quarto da empregada que havia ido embora. Ela imagina encontrar um quarto sujo e bagunçado, o que lhe proporcionaria horas de arrumação, mas isso não seria um problema, pois ela gostava de arrumar as coisas, gostava de organização. “O prazer sempre interdito de arrumar uma casa me era tão grande que, ainda sentada à mesa, eu já começara a ter prazer no mero planejar.” (p. 33).

A princípio o enredo parece um pouco banal, mas a personagem vai tratando seus problemas num longo fluxo de consciência e a narrativa é contada conforme os fatos vão surgindo em sua mente. E cada novo capítulo começa com a frase final do capítulo anterior, como se ela precisasse que a narrativa não fosse interrompida. O tempo cronológico da narrativa ocorre em um dia, dentro do apartamento de G.H., mais precisamente no espaço restrito do quarto da empregada. Todavia, o tempo psicológico é atemporal, pois G.H. não se prende apenas no espaço físico de seu apartamento, ela se deixa levar pelo pensamento livre onde o espaço é ilimitado e não conhece barreiras físicas.

Ao adentrar o quarto da empregada, G.H. tem uma grande surpresa ao constatar que ele é aparentemente tão limpo quanto o resto de seu apartamento. No entanto ela se depara com uma barata dentro do guarda-roupa. Ela odiava barata, por ser um inseto imundo e sujo, tão diferente de seu mundo ‘limpo e organizado’, o sujo dentro do limpo. E de repente ela se encontra frente a frente com uma barata que é um ser vivo como ela e que habita o mesmo espaço que o seu, o inesperado dentro do ordenado.

Esse encontro inesperado lhe causa repugnância e atração ao mesmo tempo, ela e a barata representando o choque entre os extremos, o limpo e o sujo, o humano e o inumano, dois seres diferentes, duas naturezas distintas, o belo e o grotesco, o sagrado e o profano, Deus e a vida, fazendo com que a personagem passe a refletir sobre sua existência. A barata representa o lado intragável e asqueroso do ser humano. Começa então a desconstrução do ser na personagem.

Dá-me a tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar – a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha irrealdade e minha imaginação são mais pesadas. (*A paixão Segundo G.H.*, p.34).

G. H. fez desse leitor fictício um ouvinte ideal, ela o prende em sua narrativa para se sentir protegida, enfatizando que sem essa presença, sem a mão que a ampara, ela mesma se sentiria muito pequena diante da imensidão de tudo o que lhe aconteceu. Ela não conseguiria suportar lembrar o momento extremo epifânico.

O ápice do romance se dá quando G.H. esmaga a barata contra a porta do guarda roupa. Esse ato parte o inseto ao meio. Ele não morre, e de sua parte esmagada começa a surgir uma “secreção” branca. Num ímpeto G.H. prova dessa “massa branca”, como se sentisse necessidade de provar da vida que estava se esvaindo da barata. Este momento antecede sua epifania. O que acontece ao provar do interior da barata é uma espécie de transmutação, de iluminação, como se fosse possível a salvação de sua existência humana. Então ela descobre o verdadeiro sentido de “estar viva” no mundo. E se entrega ao desconhecido “E entregando-me com confiança de pertencer ao desconhecido. [...] Eu estava agora tão maior que já não me via mais.” (p.179). Descobre que sua existência anterior não faz mais sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico procurou traçar um panorama sobre a vida e a extensa obra de Clarice Lispector, bem como apresentar a recepção crítica que o livro *A Paixão Segundo G.H.* recebeu no momento de sua publicação, o ano de 1964, bem como nos demais anos que se seguiram a esse evento. Destacamos brevemente a situação sócio cultural e política da época, para que os olhares da crítica em relação ao livro pudessem ser melhor compreendidos, visto que a escritora fugia às regras estabelecidas para as produções literárias deste período.

Procuramos também evidenciar a presença do leitor e seu envolvimento dentro da narrativa como parte fundamental de apoio para a personagem principal. Utilizamos das argumentações de críticos e estudiosos da referida obra para tentar explicar por que a leitura de *A Paixão Segundo G.H.* é tão dolorosa e cansativa e exigindo uma total entrega por parte do leitor.

A pesquisa realizada para este trabalho proporcionou, além do conhecimento, uma profunda admiração pela obra de Clarice. Verificamos a partir das análises e dados biográficos consultados, que não é possível chegar a um determinante sobre *A Paixão Segundo G.H.*, como também não há uma classificação exata que defina Clarice Lispector. Ambos assustam, exigem entrega, e são apaixonantes.

A Paixão Segundo G.H. é uma obra de difícil entendimento, sua leitura leva à exaustão, porque prende e exige uma entrega total do leitor, tanto no sentido literário quanto emocional. Nos leva a fazer os mesmos questionamentos que a personagem faz acerca da própria existência. Assim há uma identificação na busca por respostas, são questionamentos parecidos como os que fazemos nas várias etapas de nossa vida durante as transições pelas quais passamos. Como também há uma negação dessa busca pela verdade do ser. Muitas vezes estamos tão enraizados dentro de um sistema, que a mudança abrupta do nosso meio nos provoca um grande sofrimento. Realmente, quem não aceitar o desafio proposto e não estiver disposto e preparado para seguir com a personagem nessa desconstrução desse ser mecanizado que muitas vezes nos tornamos, recusará de imediato sua leitura e a classificará de no mínimo absurda. Mas aos leitores corajosos, àqueles que ao se sentirem desafiados, aceitando a agressão, a esses ficarão a certeza de que, sua leitura “nada tira de ninguém”, como escreveu Clarice, mas proporciona uma espécie de alegria.

REFERÊNCIAS

ABDALA Jr., Benjamin & CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Clarice Lispector: Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios*, Ed. Abril Educação, São Paulo, 1981.

AMARAL, Emília. *O Leitor Segundo G.H. : uma análise do romance A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector* - Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO. Antonio ... [et. al]. *A Personagem de romance*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. vol. 36. São Paulo: editora Ática, 1994.

LERNER, Júlio. A ÚLTIMA ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR. Programa Panorama, 1977. São Paulo. Disponível em; < <https://www.youtube.com/watch?...>> acesso dia 19-03-2015 às 09:17 h.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* - Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução de Sérgio Milliet. vol. II. São Paulo: editora Nova Cultura, 2000.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. Editora Ática.

_____. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escrita* – São Paulo: Annablume, 2001.

_____. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. 2ª ed.– São Paulo, Annablume, 2004.

SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. 2ª ed. – Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Avila, 1979.

SALDANHA, Stella Maris Saldanha. A PAIXÃO SEGUNDO G.H. – 50 ANOS. Programa Opinião Pernambuco, TVU. Recife. 2014. Disponível em: <www.claricelispectorims.com.br/Facts> - acesso dia 14-03-2015 as 14:19 h.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im) possível*. 1ª ed – Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.

_____. *Mulheres e Literatura: (trans) formando identidades*.- Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

ANEXO

Trechos da entrevista “*A Paixão Segundo G.H. – 50 anos*”, transcrita¹ a partir de áudio disponibilizado no endereço eletrônico www.youtube.com/watch?, relacionada ao programa Opinião Pernambuco, da TVU do Recife. A referida entrevista foi feita como homenagem dos 50 anos de lançamento do livro de Clarice Lispector *A Paixão Segundo G.H.*, que foi ao ar no dia 1º de outubro de 2014, e contou com a participação do professor e crítico literário Lourival Holanda, da escritora e presidente da Academia Pernambucana de Letras Fátima Quintas e da jornalista e pesquisadora Georgia Alves, tendo sido conduzida pela apresentadora Stella Maris Saldanha. Como critério de identificação dos participantes, designaremos:

A – Apresentadora;

F. Q – Fátima Quintas;

G. A – Georgia Alves;

L. H. – Lourival Holanda.

A apresentadora Stella Maris Saldanha inicia a entrevista com uma breve apresentação do livro, mencionando fatos históricos do ano de seu lançamento:

A: Boa noite. 1964. Na história brasileira não é apenas o ano do golpe militar que derrubou o presidente João Goulart e implantou no país uma ditadura que durou mais de duas décadas, é também o ano do lançamento do romance *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector. Um livro de referência na obra da autora e também na produção literária em língua portuguesa. Os 50 anos de *A Paixão Segundo G.H.* é o tema de hoje do Opinião Pernambuco. Participam do nosso programa o professor e crítico literário Lourival Holanda, a escritora e presidente da Academia Pernambucana de Letras Fátima Quintas e a jornalista e pesquisadora Georgia Alves. [...] Boa noite, muito obrigada por terem aceito o convite do Opinião Pernambuco e uma honra tê-los aqui hoje à noite. Lourival, Benjamim Moser, biógrafo de Clarice disse que *A Paixão Segundo G.H.* é seguramente um dos principais romances do século XX. É?

L. H.: [...] Eu acredito que sim, a crítica espanhola também dizia isso [...] estava entre os cem livros mais importantes do século, que de fato é [...] uma obra assim, referencial quase que absoluto em língua portuguesa. Fundamental. [...] Acredito que é uma obra que inaugura uma outra, um outro tipo de narrativa que toma um distanciamento da narrativa tradicional, digamos, do romance nordestino, do romance de 30, quando... é uma espécie de épico órfico, porque é toda uma aventura agora interna e não mais do

¹ A transcrição é nossa.

fora. Então começa um tipo de [...] narrativa, que eu digo, inaugura a modernidade, ou seja, já não tem mais aquela referência fora, mas é uma aventura interna.

A: E esse marco é distintivo aí de *A Paixão Segundo G.H.*, é isso que faz dele esse grande romance do século XX?

L.H.: Eu acredito que sim, é uma outra percepção de mundo. A partir de uma relação absolutamente modal que a Clarice tem com a literatura, a literatura é instrumento de [...] busca, é um instrumento, ela não tem uma lição a dar, ela se faz. O buscar é o modo de Clarice escrever.

A: Como é que o livro foi recebido àquela época pela crítica?

L.H.: Como toda obra grande é [...] desnorteante. Toda obra grande é indiscreta. Indiscreta porque ela revela ao leitor o que ele leitor é [...]. Em toda grande obra ela nos inquieta porque ela expõe muito de cada um de nós. Então, nesse momento, não tinha como a crítica classificar aquele tipo de experiência que era por de mais singular. [...]. Em determinado momento ela diz: A pergunta não é quem eu sou mais entre quais eu sou. Então há uma Clarice [...] de salão, quer dizer, há uma Clarice de citação cult no face, há uma Clarice que circula diante dessa lógica da reprodução...e às vezes tem a reprodução é da invenção de textos atribuídos a Clarice. Quer dizer, há essa Clarice cult, não é? Agora, há uma outra Clarice que não cabe na lógica das redes, que é uma Clarice absolutamente 'u toque', como ela diz. Na entrevista em 67 [...] ao Júlio Lerner ela faz...é engraçado porque...há contato ou não há contato. Quer dizer, é uma forma muito bonita de dizer: Olha, o entendimento não depende da inteligência, mas do sentir. [...]. Então inaugura uma outra percepção de literatura.

A: Fátima, o livro foi lançado pela Editora do autor. [...] Que tinha lá entre [...] seus donos dois amigos de Clarice que eram Fernando Sabino e Rubem Braga. A minha pergunta pra você é: Não fosse a Editora do Autor, teria sido fácil lançar *A Paixão Segundo G.H.* lá em 1964?

F.Q.: (risos) Olha, é... a resposta é difícil, eu creio que não teria sido muito fácil. Porque realmente Clarice, ela não é fácil pra ninguém, ela... ela mesma quis não ser, porque ela não era pra ela própria. Eu acho que a realidade de Clarice era tão insuportável, que ela pra conviver com isso ela teve que realmente fazer essa experiência interna,

essa busca interna, que foi tão bem [...] falada por [...] Lourival e toda a narrativa de Clarice é uma narrativa que busca o... os 'eus' que ela própria nem sabia quantos eram. Eu acho... ela tem uma frase que eu acho fantástica, quando ela diz que é preciso escolher a sua própria máscara e isso representa o primeiro gesto humano. Então, a escolha da máscara em Clarice, vai perpassar, sem dúvida nenhuma, toda obra dela. E ela escolhe a máscara de acordo com o dia, de acordo com o momento, de acordo com a hora. Ela é vulcânica. Ela tem uma inquietação permanente. Ela é [...] alguém que se pergunta todo o tempo: quem eu sou? Né? ...é a pergunta que todos nós continuamos fazendo, mas só que ela tinha [...] uma forma muito especial de jogar isso pra fora. O...o livro dela, todos os livros dela...alguns livros dela nem sempre foram bem aceitos, não é? A gente tem alguns que sabe que ...não...olha...o que que é isso e tal, depois ela vai crescendo...ela vai num crescendo...num crescendo...num crescendo incrível.

A: Vou tocar nesse ponto também, porque se eu não me engano, foi Nelson Rodrigues que à época do lançamento do [...] livro faz um comentário meio jocoso [...] no jornal A Última Hora. Ele disse assim: "Agora escreve-se livro até sobre mulher que come barata". (risos). Então, eu imagino que não deve ter sido uma recepção muito fácil naquele momento pra uma parcela da crítica e [...] dos leitores.

F.Q.: Não. É provável, porque é de uma singularidade excepcional [...] mas é [...] Clarice, é aquela busca permanente [...] da essência. [...] do é do tempo, do instante, de alguma coisa mágica. Clarice é...era mística, mas o misticismo dela era mágico, ela não é, ela não tinha um misticismo apegado a nenhuma...é...religiosidade assim: É essa a minha religião. Ela tinha um misticismo que foi inclusive à Colômbia pra um congresso de bruxaria. Então, tudo isso era uma Clarice que se perguntava...ia muito à cartomante. Olga Borelli narra isso, como ela ia á cartomante, como ela gostava e ouvir aquela coisa que era do sobrenatural. [...]

A: (se dirige à Georgia) Se tivéssemos que escolher um trabalho central na obra de Clarice, seria *A Paixão Segundo G.H.*? Pra você, seria *A Paixão Segundo G.H.*? Ou, se não, que, que outro livro, que outro trabalho?

G.A.: Bom, [...] eu acho que, é como se fosse uma carreira construída por epifanias, né? Porque, não sei se vocês concordam comigo, mas, *Perto do Coração Selvagem* já

foi um acontecimento assim, é, acho que, o próprio Antônio Candido narra isso e traz Clarice pra junto de Guimarães Rosa nessa condição de revolucionar ali aquele, aquele momento da escrita... eu acho que é o romance que ela foi...eu acho que ela diz isso também no livro onde ela se desnuda daquela outra condição pra entrar numa outra, é, literatura, numa outra escrita, é [...] até uma definição em relação a esse livro que eu acho que a Olga Borelli que Fátima citou aqui, é, diz em relação a esse momento de Clarice, né? Que realmente há esse contato com o interior da barata, e esse mistério do que seria é o contato com a massa branca é exatamente a desconstrução do ser, que até então era um ser, é, visivelmente cortejado, né? Embora ainda compreendido aos poucos e [...] de leitores que iam se chegando a essa obra enigmática, mas eu, eu creio que sim, é... independente de ser o meu maior apego à obra dela, né? Eu tenho os meus, mas acredito que sim, eu aposto que sim, pela condição é [...] de trazê-la pra uma outra dimensão, né? Acredito que sim.

A: Lourival. O romance dela, anterior a G.H. foi a *Maçã no Escuro*. Concluído em 56, lançado em 61, depois veio *A Paixão Segundo G.H.*. *A Maçã no Escuro X A Paixão Segundo G.H.*?

L.H.: Eu acho que a Clarice é, ela nem é, ela nem renova, ela nem é nova com relação à literatura brasileira, porque o novo é muito fácil de você detectar. Você toma o novo com relação ao que já foi feito. Clarice é muito mais que isso. Clarice é um estanho. Aquilo que não tem filiação imediata. Até então a gente não conhecia alguém que tivesse essa loucura de fazer em torno de 100 páginas uma densidade abissal num romance que a gente não sabia nem, não está fora do, da convenção do romance, a gente não sabia também está fora da convenção do ensaio porque não é nada disso e é tudo. Então aquilo foi um, um elemento estranho na literatura brasileira. *A Maçã* ainda é comportado com relação a essa experiência quase... porque é uma experiência vivencial, né? Fátima Quintas já observa, muito critério, muito bem que há uma coisa de auto biográfico. Sim, certamente há, todo texto paga um dízimo, toda ficção paga um dízimo ao real. O real vivido, não é? Então certamente há ali uma transfiguração...é...de uma experiência em visões verbais que é literatura, então ali realmente pra mim ali é um marco.

A: *A Paixão Segundo G.H.* é escrito na 1ª pessoa. É o único romance dela na 1ª pessoa?

L.H.: Não, tem outros, inclusive tem alguns romances em que ela funde um pouco que é fantástico, em que ela coloca um pouco 3ª pessoa e 1ª pessoa. Já é emblemático. Certo? É como se dissesse: Olha, o verbo ser é um verbo pobre pra dizer o que somos, porque nós não somos, nós estamos sendo, né? Então isso em Clarice é fantástico pra mim.

A: Como...

L.H.: E ela diz assim – perdoe - ela me diz assim: O perder-se pra mim é um Shabat. Isso é uma derivação muito judaica porque é uma espécie de alegria incontida, mas o perder-se, quer dizer, está absolutamente fora do sistema que é o perder-se, é uma alegria intensa, é isso que ela transmite pra o leitor. É o impacto de um susto e alegria.

A: Como é que [...] esse aniversário de 50 anos [...] de *A Paixão Segundo G.H.* foi [...] recebido, foi celebrado, foi comemorado. Enfim, o que [...] aconteceu por aí nesse universo da literatura por conta desses 50 anos?

F.Q.: Eu acho que vem acontecendo é, algumas abordagens, alguns seminários, alguns debates em cima né, desses 50 anos. Eu gostaria de complementar, aliás, concordar plenamente com o que o Lourival falou, é, a literatura, ela [...] precisa de uma transfiguração, de uma ressignificação do real né? Toda literatura é isso e toda literatura... eu outro dia disse isso e alguém se espantou, eu acho que toda literatura, tem, eu não estou falando aqui é da nossa Macabéa, eu estou falando aqui é de modo geral, é tem um, um vetor autobiográfico, é impossível não ter, até porque há uma realidade, há uma memória que nós guardamos sempre e essa memória vai se ressignificando todos os dias, vai se, re... vai se transfigurando à medida que quando você lembra, você já não lembra mais, há uma memória involuntária como diz Proust, ou seja, não lembra mais a de uma realidade tão, tão real, você já lembra de uma realidade idealizada, você já lembra de uma realidade que você meche nela, que você a transforma, que você diz eu quero assim. Clarice é, é... uma ocasião perguntaram a André Gide, classificaram André Gide, né, e ele disse por favor não me classificam tão rapidamente. Clarice chegou a dizer, em várias vezes: 'Eu sou apenas uma dona de casa que escrevo'. Quando na verdade a sua representação é de escritora, mas ela tinha é, era como se aquilo fosse uma, uma necessidade, algo que fazia parte da sua própria vida, era a libertação de Clarice era a palavra era a letra, era toda essa

pergunta que a gente volta a insistir e que é, Lourival disse tão bem é o estar sendo, é o, é esse gerúndio não é, que incomoda tanto a todos nós. Todos nós estamos sendo. É o tempo, é outra reflexão muito forte em Clarice, a questão do tempo.

G.A.: Essa coisa dos personagens é interessante né, da, da pessoa comum, né, o quanto ela buscou isso, é, essa ressignificação do ser né? [...] A única que ela traz essa figura enigmática é a G.H., que eu adoro fazer a, a pergunta, o que afinal é G.H.? Já ouvi pesquisadores dizendo: Ah, é Gênero Humano. Pra mim é Grande Haia, porque Clarice chamava-se na verdade Haia, como o grande outro pra Freud era a mãe, aquele que você internaliza e projeta, mas é, acho que é uma das poucas personagens que ela coloca, é, essa configuração de uma mulher de casa de revista né, e que vai ali entrar em contato com o quarto da empregada e comer daquela organização simples e daquele interior da barata nesse ambiente né.

[...]

A: Falamos da estranheza [...] que *A Paixão Segundo G.H.* provocou no momento em que foi lançado, de algumas particularidades [...] da obra de Clarice. A minha pergunta agora é: Era uma voz solitária na literatura brasileira daquele momento?

L.H.: Eu acredito que sim, ela tem esse incômodo de ser inaugural, né, é uma percepção da singularidade, daquilo que era sistemático num momento em que a cultura ainda é muito homogênea, a cultura ainda é muito [...] digamos assim, é comum você encontrar as grandes comunidades ligadas a determinadas temáticas. Clarice faz exatamente o oposto, ela diz: eu não sou de sistema, às vezes ela até diz assim: gêneros não me pegam mais. [...]

[...]

G.A.: *A Paixão Segundo G.H.* são travessões e você atravessa ali uma passagem da linguagem num universo estranho. Não sei se [...] vocês entendem assim também mas eu vejo n' *A Paixão Segundo G.H.* um propositado guardar um segredo, é como se a própria Olga, vendo as avaliações e as análises de Olga sobre o livro ela que tem tão mais informações sobre isso me parece também provocar nessa escrita de entrelinha a sensação de que ali está guardado um segredo que propositalmente será sempre um segredo né.

A: Olha só. Eu lembro, quando eu li *A Paixão Segundo G.H.* há muito tempo atrás, lá, me lembro de ter conversado com um amigo que leu mais ou menos na mesma época que eu, e ele me disse que teve muita febre depois de ter lido *A Paixão Segundo G.H.* Mais recentemente, eu lendo coisas sobre Clarice, sobre o romance, e encontro uma declaração, se não me falha a memória de José Castelo, ele disse que adoeceu e precisou ir para o médico depois de ter lido *A Paixão Segundo G.H.* Lourival, porque *A Paixão Segundo G.H.* dá febre nas pessoas?

L.H.: Olha, ela previne isso logo no início: Eu preferia que esse livro fosse lido..., quer dizer, eu acho que é um livro pra ser lido sobretudo por essa raça mais solitária do mundo que são os adolescentes. Esse pessoalzinho mais jovem. Não é por acaso que eles tem tanta afinidade, é porque Clarice chama a atenção pra essa enorme sozidão que é um adolescente, porque não tem ainda essa maestria de domínio sobre o papel social que eles vão tentar ser autênticos não cabe no mundo essa autenticidade e eles tem essa noção, essa coisa, esse link em comum, que é a consciência da estranheza, e no livro Clarice diz assim: Olha, se me achar esquisita, respeite, porque eu também tive que aprender a aceitar minha própria esquisitice, certo? Quer dizer, é fantástico isso, então, pro pessoalzinho mais jovem é muito legal ler Clarice, porque é esse modo de assumir, eu queria dizer assunção, no duplo sentido da palavra assunção, da própria estranheza.... É um contato por abalo.

A: Pergunta do ouvinte [...] de Boa Viagem: Qual o paralelo que podemos fazer ou qual paralelo que pode ser traçado entre Clarice Lispector e Franz Kafka?

L.H.: Puxa, a própria Hélène Cixous, ele dizia que Clarice era Kafka de saia... porque o impacto que Clarice causa é muito parecido, muito semelhante com aquele modo do Kafka.

[...]

A: Com crítico de literatura, o livro de Clarice que você acha que deve ser o, sei lá, o mais estudado, o mais iluminado, o mais significativo?

L.H.: É uma pergunta interessante porque Clarice é também um capital cultural e um capital acadêmico. Três mil. Há pouco tempo atrás tinha mais de três mil teses sobre Clarice. Oito mil teses, mais de oito mil teses no Brasil, por isso que eu digo realmente

é um capital. É difícil, porque [...] um crítico literário é, senão, um leitor com a pretensão de estar mais armado com algum instrumental teórico e tudo mais, mas o crítico é um leitor, portanto com suas idiosincrasias eu vou dizer aquilo que eu mis gosto de Clarice, eu gosto sobretudo desse livro, entre outros, mas pra mim é um livro que...

A: *A paixão Segundo G.H.*?

L.H.: pra mim é o livro, porque eu nunca consegui chegar a fundo desse livro porque pra mim é permanentemente um – Ah!

F.Q.: Eu acho que é sempre um susto, realmente ler *A paixão Segundo G.H.*. É também o meu preferido. Ler *A paixão Segundo G.H.* é ler, reler, reler, reler e encontrar sempre material pra pensar muito. Pensar, pensar, pensar e não chegar a lugar nenhum, porque realmente não se chega a lugar nenhum, mas se busca.